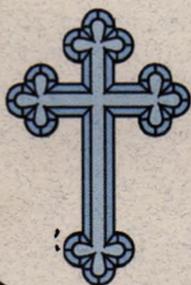


Uma Espiritualidade
de ontem e de hoje



UT VITAM HABEANT

INTRODUÇÃO

No ano de 2000, houve em Béziers um Mini-Congresso sobre a nossa história de RSCM em Béziers. Foi por ocasião do Encontro Internacional das Religiosas mais novas.

Houve muitos conferencistas: alguns historiadores, outros professores e a Ir. Marie France, RSCM que nos falaram sobre a cidade de Béziers, sobre o Curso Saint Jean, sobre o Padre Gailhac.

De modo especial, houve uma apresentação da nossa “Espiritualidade” captada nas nossas atuais Constituições. Foi feita pelo Pe. Guy Lauraire.

Acreditq que nos fará muito bem ler e rezar o trabalho com que ele nos presenteou.

Traduzida a conferência, o Centro de Fontes oferece a todas as Comunidades para um maior enriquecimento de todas nós.

Ir. Maria de Lourdes Machado

I – Mas: que é a espiritualidade?

Não é fácil responder a esta questão. Num sentido amplo, mas fundamental, pode-se dizer que a espiritualidade cristã é simplesmente uma maneira séria de ser cristão ou – e é a mesma coisa – uma certa maneira de “seguir o Cristo”. É dar um conteúdo real, concreto ao engajamento no seguimento de Jesus Cristo.

Num sentido mais preciso, a espiritualidade é a vida e a ação do Espírito do Senhor em nós. Nós devemos acolhê-lo, deixar que Ele cumpra sua obra em nós. Esta consiste em nos transformar, em nos trabalhar, em nos modelar à imagem de Jesus Cristo.

No dinamismo do Espírito, é uma certa maneira de ordenar sua vida, de acordo com uma orientação, uma “inspiração”. O que está em jogo é, pois, um certo estilo de vida, insuflado em nós pelo Espírito Santo.



Gostei muito de ver que este dinamismo transparece nas “Constituições”, e isto desde o início, através das palavras, das expressões que evocam o movimento, a caminhada:

***“Estas Constituições são um guia na nossa caminhada...
Elas orientam a nossa vida...
... ó ideal que esperamos atingir...”***

As palavras aqui escritas indicam o caminho que fará de nós “discípulos de Jesus”.

Desde a primeira página os termos se acumulam expressando “caminhada”, ou – para retomar uma experiência bíblica especial – convidam-nos ao “Êxodo”.

E isto se repetirá sempre ao longo das páginas: “Deus chama-nos a uma caminhada na fé...” “A nossa caminhada na fé... é de total compromisso no seguimento de Jesus Cristo, na transformação pessoal n’Ele e na transformação do mundo”. (Const. 1 e 2)

Seria interessante destacar todas as passagens que expressam movimento, compromisso, mobilidade. “Seguir o Cristo” é se por a caminho. Ele nos “precede na Galiléia” Ele nos precede em todos os

caminhos da Galiléia de hoje – a Galiléia das nações pagãs. Nós já temos dificuldades em segui-lo e toda instalação no imobilismo seria mortal.

Há um levar a sério a realidade de nossa condição cristã que é a de “viajantes e estrangeiros” (1 Pe 2,11 cf Hb 11,13).

Podemos precisar agora o que é a espiritualidade? Eu lhes proponho duas achegas que me esclareceram pessoalmente:

- a primeira é de Albert-Marie Besnard, O.P.

“Rosto espiritual dos tempos novos” (Cerf, Paris, 1964):

“A vida espiritual é o que faz e que exprime que se é um vivente segundo o espírito do Evangelho (no sentido amplo da palavra espírito) e segundo o Espírito de Jesus Cristo (no sentido trinitário da palavra Espírito)”.

- a segunda é de Segundo Galiléia: “O Caminho da Espiritualidade” (Bogotá 1987).

Traduzindo: “A Espiritualidade é a motivação que impregna os projetos e os engajamentos da vida, tanto os espetaculares como os ordinários, importantes e quotidianamente obscuros”. “A fonte é a experiência de fé”, ou dita de outra maneira: “Cristo é o Evangelho, tomado experiência” e o seguimento de Cristo transforma-se em experiência religiosa”. Assim compreendida, a espiritualidade é o dom de si mesmo a uma causa e os motivos evangélicos que o provocam e o animam.

O interesse destas considerações é de nos apresentar a espiritualidade como uma atitude global, como um sopro que concerne e anima a totalidade da vida.

Quando leio nas “Constituições” :

“Integramos as nossas vidas centrando-as em Cristo” (Const. 9), eu encontro aí este aspecto unificador que, descentrando-nos de nós mesmos nos faz encontrar em Jesus Cristo o sentido real da nossa vida, uma vida que seja:

- ***no seu seguimento e inseparavelmente.***
- ***toda entregue ao Pai, toda voltada para o Pai.***
- ***toda entregue aos outros, toda disponível aos outros.***

Se verdadeiramente, como se pode ler no número 5: “O espírito do Instituto é um espírito de Fé e Zelo” podemos dizer que aí está uma espiritualidade autenticamente evangélica.

Posso mesmo precisar que há uma maneira bem real de morrer a si mesmo, a fim de viver para Deus e para os outros e é a experiência pascal do “morrer para viver”. Há aí uma maneira bem real de se tornarem “livres para amar” (Gl 5,13), livres para viver uma autêntica fraternidade (Rm 8,14-17; 28-30)

Quando as “Constituições” dizem que “O espírito de Fé e Zelo manifesta-se nas nossas vidas por... uma renúncia que nos liberta para responder ao apelo de Deus... e um amor ativo ao povo de Deus” (Const 6) ou ainda “A nossa missão é conhecer a Deus e torná-lo conhecido, amar a Deus e fazê-lo amado, proclamar que Jesus Cristo veio para que todos tenham vida” (Const. 7), elas testemunham uma concordância profunda com o ensinamento do Novo Testamento, Paulo e João em particular.

Sim, caminho de unidade das nossas vidas, a espiritualidade é caminho de liberdade orientada para o amor. Para o “justo” (isto é, em linguagem bíblica – o “ajustado” a Deus) não há mais lei, a não ser a Lei Nova do Cristo. João da Cruz diz: “Não há caminho” (expressão retomada no magnífico poema de Antônio Machado: “Caminhante, não há caminho; o caminho se faz a caminhar”) Não há caminho traçado com antecedência, porque o amor é sempre atento e criativo, disponível ao imprevisto.



II - Elementos Principais da Espiritualidade das Religiosas do Sagrado Coração de Maria

Eu não falei até agora da espiritualidade das RSCM senão indiretamente, a partir do que é uma espiritualidade cristã verdadeira. Eu achei que isto era indispensável para verificar a qualidade profunda desta espiritualidade. No interior da espiritualidade cristã sempre marcada por sua origem batismal, existem diversas espiritualidades.

Uma vez por todas, o batismo nos fez “morrer com Cristo”, a fim de vivermos uma vida nova, como o Cristo ressuscitado. Nós nos tornamos “um com o Cristo” (Cf Rm 6,3-11).

Toda a verdadeira espiritualidade se agrupará desta maneira.

“Este compromisso (a seguir o Cristo totalmente) enraizado no nosso batismo, exprime-se pelos votos...” (Const. 2).

Esta referência ao Batismo, sacramento que nos faz cristãos, situa felizmente a espiritualidade própria do Instituto na espiritualidade cristã em geral.

Se o batismo nos convoca a todos a seguir o Cristo, a viver com ele a Páscoa, a nos tornar livres para amar, ele nos chama a fazê-lo no próprio centro da história humana. Numa determinada época, num determinado momento, põem-se especialmente em valor tais ou tais aspectos do evangelho que parecem mais adequados no seguimento de Jesus no contexto do tempo, em determinada conjuntura.

Toda verdadeira espiritualidade corresponde a uma situação histórica, a um certo contexto histórico. Não há nada de extraordinário no fato de que as grandes espiritualidades tenham nascido nas viradas da história.

Por causa disto, no interior da espiritualidade cristã há diversas espiritualidades. É legítimo, porque a resposta ao chamamento do Cristo: “se tu queres, vem e segue-me,” não supõe um compromisso numa única via traçada previamente e que seria a mesma para todos. O Espírito Santo, fonte de comunhão é também fonte de diferenças. “Ele distribui seus



dons a cada um, conforme Ele quer” mas “em vista do bem comum” (1 Cor 12,7-11). O que é válido para as pessoas vale também para as comunidades. Nenhuma tem condições de viver toda a riqueza do Cristo. É somente em grupo, como Igreja que formamos o corpo de Cristo.

Uma espiritualidade coloca em evidência – para testemunhá-la – tal ou tal aspecto do Evangelho, da vida do Cristo.

Mas há algumas constantes, alguns traços marcantes que qualificam uma autêntica espiritualidade cristã. Qual será o traço marcante desta espiritualidade, a de Jean-Gailhac, a da Mère Saint-Jean e das Irmãs do Sagrado Coração de Maria hoje?

É importante situar Béziers do século XIX no qual a espiritualidade do Pe. Gailhac pode desabrochar. No livrinho que eu citava no início, Mary Milligan destaca os elementos desta espiritualidade que ela considera como essenciais. Depois de ter dito que uma espiritualidade é “uma percepção do mistério cristão realizada na história”- o que está bem de acordo com a perspectiva que eu adotei – ela se esforça para chegar à “visão central” de Gailhac, aos aspectos fundamentais em torno dos quais tudo se organiza.

O Pe. Gailhac, ela nos diz, possuía a arte de ir ao essencial. Isto o leva a ir de cheio ao que segundo o próprio Jesus Cristo, resume a Lei e os Profetas: “Amar a Deus sobre todas as coisas e amar a seu próximo.” Este duplo amor unifica tudo que busca: a glória de Deus e a salvação das pessoas. O dom de si aos outros constitui a adoração mais verdadeira a Deus. No espírito do Instituto, este espírito que é “a vida, a força, o brilho” da comunidade, como diz o Pe. Gailhac, se traduz pela fé que deve se manifestar em toda a vida e pelo zelo ardente pela salvação das pessoas. Fé e zelo são como dois aspectos de uma mesma realidade. Já que se trata de conhecer e de amar a Deus, de o fazer conhecer e amar, é Jesus que será o modelo.

É Jesus tal como é apresentado no 4º Evangelho que seduz particularmente Gailhac, um evangelho marcado pela figura do Bom Pastor. Jesus é “aquele que o Pai enviou”. Sua vida e sua missão são sempre marcadas por uma intimidade profunda com o Pai que o envia e uma intimidade profunda com aqueles a quem Ele é enviado. Isto se traduz pela obediência a seu Pai e o dom total de si mesmo às pessoas. Nisto, ele é o “Modelo” para aqueles e aquelas que querem segui-lo.

A imagem do Bom Pastor permite esse resumo:

- **O Bom Pastor dá sua vida porque este é o mandamento do Pai ao qual ele obedece.**
- **Se ele dá sua vida é para que as ovelhas tenham vida em abundância.**
- **Mas esta partilha de vida supõe um profundo conhecimento mútuo entre as ovelhas e o pastor.**
- **E esta relação de conhecimento e de vida tem uma dimensão universal, porque o amor não tem limites e quer reunir todos os humanos num único rebanho.**



Esta espiritualidade tem que se encarnar na vida. A fé deve ser atuante, tornar-se visível através das obras. As obras devem dar uma resposta aos apelos, às necessidades. Daí a importância de uma grande atenção aos acontecimentos, através das quais se exprime para nós a vontade de Deus.

Ler estes acontecimentos na fé, discernir neles os apelos do Senhor, eis o que permite à espiritualidade se encarnar e se concretizar.

Eis em resumo o que é dito nos "Elementos Principais da Espiritualidade de Gailhac". Eu creio que nada disto se perdeu, nem foi esquecido nas "Constituições" atuais, das quais eu gostaria de ressaltar algumas linhas de força.

Antes eu gostaria de fazer uma observação. Toda pessoa verdadeira e espiritualmente inserida no seu tempo enxerga o mundo para além do seu tempo. Ela percebe o que está secretamente prestes a germinar. Esta dimensão de encarnação da espiritualidade na vida, de atenção à realidade relida na fé, do necessário discernimento, é já esta corrente que nascerá, algumas décadas mais tarde à ação católica e, mais amplamente, para o bem da espiritualidade dos leigos. O que me

leva a dizer que, se a vida religiosa radicaliza o compromisso batismal, e mobiliza toda a pessoa para o serviço do Reino de Deus, todo cristão é chamado a viver, por sua vez e de outro modo, exigências semelhantes. As “Constituições”, pelo menos nos seus primeiros capítulos, poderiam fornecer aos cristãos boas pistas de reflexão de aplicação na vida.

Voltarei a estes pontos fortes que me chamaram a atenção.

III – Pontos Fortes:

1- O lugar de Maria



São Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Ora, pode-se dizer, que nas Constituições, não é dado um grande destaque a Maria. Mas, eu creio que Maria está no seu justo lugar. João Gailhac a apresenta como aquela que cooperou na obra da redenção. Suas filhas devem, pois, a seu exemplo, “cooperar na salvação de todos, para a glória de Deus...” É preciso que suas vidas, à imagem dessa Virgem incomparável, façam nascer Jesus Cristo em todos os corações” (Gailhac)

Maria está sempre situada como discípula de seu Filho e sua cooperadora, como uma mulher de uma fé tão profunda que lhe permite confiar em Deus diante do imprevisível e mesmo do impossível, e de dizer um “sim” que lhe dá um compromisso de se entregar totalmente, a exemplo de seu Filho (Cf. Const. 3).

Na fórmula dos primeiros votos, como da profissão perpétua se encontra a expressão: “imitando Maria, fiel discípula de seu Filho” (Const. 68,73).

2- O realismo do caminho espiritual

“Seguir Jesus” é responder a um apelo (vocação) e isto passa por uma conversão. O convite do Senhor não se faz somente uma vez, mas é contínuo. O batismo põe nossas vidas sob o signo da urgência: o tempo é precioso, ele é um dom de Deus e não pode ser gasto. É um tempo para amar.

Deus não cessa de nos dar sinais. A pessoa espiritual é atenta aos sinais de Deus. Daí a importância – já assinalada – de uma grande atenção aos conhecimentos, de um olhar de fé sobre a realidade (atitude de contemplação), de um espírito de discernimento. E isto é muitas vezes assinalado desde a comunidade (Const. 27,33,34,36,37) até ao nível do governo (Const. 53).



A conversão também deve ser permanente. Trata-se de uma ruptura com o pecado, com a vida do não-amor, para tomar um novo caminho, o do amor até o extremo do dom de si mesmo. Um critério decisivo é a atenção ao pobre, cuja existência é um desafio ao amor.

“Partilhamos do profundo amor de Jean Gailhac pelos pobres... comprometemo-nos ao serviço da justiça evangélica” (Const 8).

O voto de pobreza não consiste somente em viver pobremente, mas também em se solidarizar com os pobres e as vítimas da injustiça e de aprender com eles. Isto é fortemente afirmado nas Constituições 21: “A partilha com os pobres, ajuda-nos a aprofundar a realidade da nossa própria pobreza” (também Documento Complementar 18.21).

Destaco ainda dois aspectos deste realismo, no Pe. Gailhac e nas “Constituições”:

- A tomada de consciência do tempo necessário para avançar:

“Como imitar Jesus a ponto de ser perfeita como o Pai celeste é perfeito? Isto não é obra de um dia. O próprio Jesus Cristo quis crescer em idade e sabedoria” (Gailhac). Ver também a citação da página 56 das Constituições.

As Constituições levam muito em conta esta progressividade, também na caminhada para o engajamento definitivo e na formação permanente. Não se pode parar de “crescer no conhecimento e no amor de Deus e a participar na missão do Instituto” (Const 78).

- O exercício da autoridade

O Pe. Gailhac sublinha que “Deus não envia anjos como superiores, mas sim pessoas humanas fracas como nós” (Gailhac) Isto requer muita humildade daquelas que exercem a autoridade, uma grande qualidade de escuta, de acolhimento, de compreensão, um espírito de serviço. Isto requer da parte de todas um apoio, uma colaboração, um esforço de cooperação. (Const. 42-43).

3- A vida comunitária e o engajamento pessoal

Aqui é preciso reler todas as Constituições que têm uma enorme riqueza neste domínio.

“Confiando no Espírito, comprometemo-nos a apoiar-nos mutuamente na nossa consagração para a missão (Cont. 9). Nesta afirmação, que aparece na parte fundamental das “Constituições”, o essencial está dito: a missão não pode ser vivida senão em conjunto, em comunidade; mas a comunidade não existirá verdadeiramente se não houver um engajamento pessoal e concreto de cada uma.

A exigência da qualidade da vida comunitária caminha ao lado de uma grande exigência pessoal.

É isto também é profundamente realista. A comunidade está no próprio coração da fé cristã. Ela é participação no próprio movimento, no dinamismo da vida de Deus – na Trindade. Por causa disto, ela é o mais forte testemunho que podemos dar ao Senhor neste mundo. Por causa disto também ela é terrivelmente exigente. É um rosto concreto que é preciso dar ao amor de Deus.

Numa verdadeira comunidade, pode-se fazer a experiência daquele que convoca, Deus (a Igreja é convocação) e daqueles a quem se é enviado (os outros, e, em particular os pobres). É um espaço onde se fraternizam aquelas que são chamadas a um certo estilo de vida, vida com-os-outros. É um viver também com Aquele que chama e que une, e que abre as pessoas para os outros.

A comunidade religiosa é voltada para o Reino de Deus. Ela deve discernir os sinais, em ação de graças, mas também deve lutar contra o poder diabólico da divisão que age no mundo e obstaculiza o crescimento do Reino.

Ela deve trabalhar positivamente para a sua vinda, engajando-se na transformação do mundo antecipando assim o Reino de Deus por sua qualidade de vida. Isto se verifica particularmente no modo de acolher e do servir os pobres, os privilegiados do Reino porque eles são os excluídos deste mundo e, enquanto houver excluído, o Reino de Deus não se cumpre.

Com toda a sinceridade, eu acredito que estes diversos aspectos se encontram nas “Constituições”. Toda a seção intitulada: “Em comunidade para a Missão” é notável. A comunidade, seja no aspecto local, como no sentido mais amplo, é chamada a ser profética por toda a sua vida:

■ Vida interna, onde a unidade não se faz sem o reconhecimento dos dons existentes em cada pessoa para o bem do conjunto e portanto das legítimas diferenças. Unidade não é uniformidade. Os próprios ministérios são diversos.

■ Vida aberta, aos outros, à serviço.

A comunidade é chamada a praticar um discernimento dos apelos, das necessidades, e portanto, dos ministérios que podem dar-lhes uma resposta. Isto tudo supõe também o desenvolvimento de uma consciência crítica em relação ao político, ao social, ao econômico.

Cada uma é chamada a se sentir responsável, concretamente e em todos os domínios. Até nos relacionamentos com a autoridade.

A dimensão comunitária com o necessário engajamento responsável de cada membro, irriga todo o texto. Eu acho especialmente importante o modo como isto é retomado a respeito dos três votos de pobreza, de castidade e de obediência que não podem ser vividos fielmente sem a perspectiva do apoio fraterno. O número 25 das Constituições é verdadeiramente expressivo neste sentido.

Como se admirar então de que a oração encontre sua dimensão pessoal e comunitária, que a Eucaristia seja-lhe o centro e o lar e que o perdão e a reconciliação possam aí desabrochar?

4- O sentido da Igreja

Uma verdadeira espiritualidade implica um sentido profundo da Igreja, e mesmo uma paixão pela Igreja, um desejo de a renovar pelo forte sopro do Evangelho. Esta instituição, que às vezes nos faz sofrer, é também um Mistério que nos faz viver, ela é o corpo vivo cuja cabeça é o Cristo. Desde a primeira página, as Constituições dizem que as Irmãs são levadas a viver com entusiasmo a missão da Igreja. “o Instituto se coloca a serviço: “Na igreja para a vida do mundo”.

Sua vida comunitária testemunha a comunhão eclesial e se alimenta dos tesouros que a Igreja tem à disposição do mundo: a Palavra de Deus a liturgia, os sacramentos, particularmente a Eucaristia.



Assumindo seu papel profético na Igreja, colaborando na sua missão, O Instituto estará atento à “nossas orientações da Igreja e da vida religiosa” (Cont. 53).

Gostaria de sublinhar a que ponto as Constituições parecem para mim terem integrado os melhores pontos do Concílio Vaticano II:

- ***A responsabilidade comum anterior a toda a diferenciação dos papéis e funções;***
- ***A autoridade como serviço de comunhão e de discernimento;***
- ***A variedade de ministérios em resposta à diversidade das necessidades e por respeito aos diversos dons do Espírito dos carismas;***
- ***A centralização em Cristo, o enraizamento trinitário e o justo lugar de Maria...***
- ***A vida religiosa como testemunho de um caminho particular no interior da santidade que é destinada a todos...***

Há ainda muitos outros aspectos a destacar, por exemplo, o caráter “pascal”, desta espiritualidade: viver o mistério pascal na realidade da nossa condição humana” (Const. 38); o esforço requerido de

inculturação (Const.36); a preocupação de insuflar o espírito evangélico até na gestão dos bens materiais e na vida quotidiana... Vendo de fora quis relevar o que, na minha opinião, parece ser o essencial.

“Jesus Cristo escolheu-vos para serdes a continuação da sua existência, para cumprir a grande obra da Redenção.” (Gailhac)

Insistindo sobre a necessidade de ter Jesus Cristo no coração e de amá-lo, Jean Gailhac acrescenta. “Não se imita aquele que não se ama”.

As Constituições “mostram uma compreensão muito ampla: não se trata de imitação no sentido estrito e que consistiria em copiar o que Jesus fez. Trata-se de acolher o Espírito e de se deixar inspirar por ele, deixar-se mergulhar por ele na irradiação desta luz do mundo que é o Cristo. É este o grande sopro que atravessa as “Constituições”.

Terminando, eu não posso deixar de desejar que estas “Constituições” sejam verdadeiramente vividas porque “a fidelidade e a autenticidade das nossas vidas serão a melhor prova do seu valor.” (Const. Pág.1)





Religiosas do Sagrado Coração de Maria
Província Brasileira
www.rscmb.com.br
cfontes@rscmb.com.br